

FLORA

Orgam Litterario

da Sociedade



PRIMAVERA

S. Paulo, 15 - Novembro - 1902

PROGRAMMA DO BAILE

Sob a jurisdicção
do socio A. J. FRANÇA

- | | |
|-----------------------|-------------------------|
| 1. Quadrilha franceza | 15. Mazurka |
| 2. Valsa | 16. Quadrilha americana |
| 3. Schottisch | 17. Valsa |
| 4. Polka | 18. Schottisch |
| 5. Valsa | 19. Redowa |
| 6. Mazurka | 20. Valsa |
| 7. Pas de quatre | 21. Schottisch |
| 8. Valsa | 22. Parisiense |
| 9. Schottisch | 23. Mazurka |
| 10. Valsa | 24. Valsa |
| 11. Parisiense | 25. Polka |
| 12. Polka | 26. Valsa |
| 13. Valsa | 27. Pas de quatre |
| 14. Pas de quatre | 28. Valsa. |

Conversação Mundana

A conversa dá sociedade, mesmo banal como é, não tem nem pode ter regras fixas a que se subordine. É comtudo uma regra geral de boa educação o não falarmos aos indifferentes de nós, mas sim d'elles.

O mais odioso assumpto da conversa que possamos escolher é a nossa propria personalidade. No mundo, é necessario dizer e repetir isto, ninguem se interessa pelo visinho e todos se interessam por si proprios. Foi para disfarçar, sob graciosas apparencias, esse egoismo universal, que a polidez, que a amabilidade mundana, que o *savoir vivre* cortezão inventou as suas formulas mais encantadoras

e as suas mais elegantes e requintadas hypocrisias.

Vae-se hoje á sociedade para apparecer, para indicar que se pertence á *elite*, para mostrar o luxo que se tem, para crear relações, para mil fins utilitarios, — como d'antes se ia aos salões para brilhar, para conversar, para ostentar espirito e graça.

Portanto hoje o que menos se requer nas salas da nossa baralhada e cahotica sociedade é o *espirito de conversação*, que foi em França, por exemplo e durante o seculo 18.º, um dos factos sociaes de mais alta importancia.

Saber ouvir; não contrariar asperamente o que se ouve, não discutir; não apresentar nem os seus principios nem as suas convicções; não deixar adivinhar os seus interesses, os seus projectos, as suas ambições — tudo isto faz parte do *savoir vivre* especial do nosso tempo.

Se falamos de nós, já se vê que não cumprimos nenhum dos pontos mais importantes d'este programma, e importunamos os outros.

A cada pessoa falemos pois d'aquillo que a deve preoccupar e interessar conforme o sexo e idade, a posição social, a intelligencia, e a educação.

Já se vê que esta arte não se pode encerrar em um certo numero de formulas. E' necessario ter um entendimento muito lucido, e um gosto muito fino para a pôr completamente em pratica. Aos que o não tiverem, aconselhamos pois que falem pouco, e pensando

bem no que dizem. Nunca se perde por falar de menos. Madame de Stael achava sempre um espirito encantador, um talento de primeira ordem á quem a ouvia muito calado e muito attento. Todos n'este ponto se parecem um pouco com Madame de Stael.

(Arte de viver na Sociedade).

D. Maria A. Vaz de Carvalho.



Azul e azul

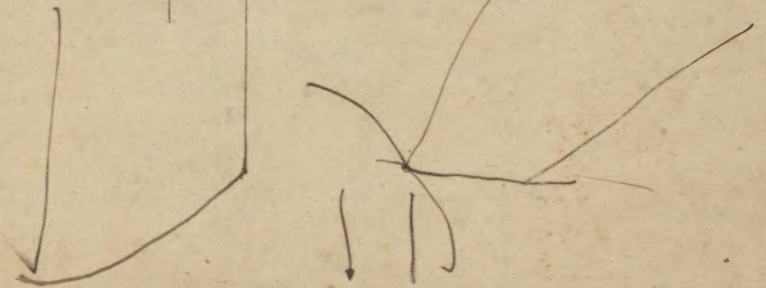
Não tenho inveja á sorte desses crentes
Que, a plena luz do seculo da sciencia,
Conseguem ter os olhos e a consciencia
Voltados para os ceus indifferentes.

Não os invejo, não, quando á dormencia
Da luz se vão, submissos e contentes,
Rogando a Deus, em supplicas ardentes,
Que lhes suavise a misera existencia.

Não os invejo, não. Si lhes é dado
Volver aos ceus o olhar afervorado,
Sem ver no azul a magoa desta vida,

Eu tambem posso me esquecer de tudo,
Fitando, crente, fervoroso e mudo,
O meigo azul dos olhos teus, querida!

ALB. NETTO.



“Viverás ainda”

Um homem muito rico e pouco caridoso teve um sonho. Viu-se diante do tribunal de Deus: todas as iniquidades e culpas de sua vida inteira eram amontoadas sobre a concha de uma balança e com esse enorme peso ella abaixava-se para a condemnação.

Lívido e tremulo o culpado já presentia imminente a sua reprovação com um castigo do qual não podia prevêr o fim e que lhe parecia eterno, irremediavel.

Radioso, em uma nuvem de luz, appareceu-lhe o seu bom anjo da guarda, o qual nas dobras de sua immaculada tunica trazia um pão, que collocou sobre a concha vazia da balança, fazendo-a descer ao nivel da outra. Este pão havia sido dado pelo rico a um pobre, que o tinha aborrecido durante um dia inteiro com sua insistencia.

— Vamos, disse o anjo ao rico, procura trazer para aqui outros pães a fim de que o pezo das boas obras vençam o das culpas.....

E como trazer mais pães se já não pertenco a terra? pensava com sigio o rico, se Deus me concedesse mais um dia de existencia, um só.....

O anjo lendo o seu pensamento replicou: — Deus, esse pae de misericordia, vê as tuas boas intenções: viverás ainda.

Accordou-se o homem e durante o resto da vida modificou sua norma de conducta e nunca se esqueceu das ultimas palavras do anjo.

JOÃO BETTINE.

EPOPEÁ

(Phantasia)

Néssa fulgente estadia dos Deuses, a Hellade luminosa, céus sorridentemente azues, terras colminadas de flôres e cantares, rasga-se no desdobramento augusto das cousas grandiosas, o painel magestoso de tua immortalidade, divina epopeá da suprema perfeição, ó Arte!

Como me encantas, deslumbrante creação da maior das cabeças artisticas, incomparavel quadro: ao longe, a sedução das areias finas batidas suavemente de ardores fulvos. Osculando, languidas, as fragas dos temerosos meandros desses sombrios rochedos, as ondas d'esse

oceano ipico, que soluça na ampla vastidão intermina...

O condor rapace, azas de brilhante negrura, atravessa a immensidade celeslial e, célere, avança ao encontro de uma pomba lindamente branca, da branca do areial infindo.

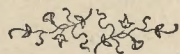
A pomba, rapida, deslisa roçagando juncto ás aguas verdes do mar, o peitinho alvo, alvo de jaspe, a lembrar a immaculada alvura de corpo virginal.

O sinistro rapace, de grandes azas negras, lá vai n'um sereno vôo, em busca da innocente imagem da pomba. Ella foge...

Abriga-se á custo nas dobras gloriosas de um pavilhão a tremular, altiva e radiosamente, no tópe de um pharol.

Volta então a ave sinistra e negra... Encarna em si a atrocidade, o Exterminio. Ella, a mimosa pomba levava transfigurada em si a epopeá da Dôr, da Innocencia...

L. MOREIRA.



MEU RETRATO

Ao Emilio Ferreira, para reproduzir no papel quando tiver tempo e... pachorra.

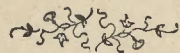
Traça: — um pote de barro bem cosido; Em cima, um globo, e mais abaixo uns braços Muito curtos; depois, em novos traços, Pernas de comprimento reduzido.

Traça no globo e com eguaes espaços de um par de abanos como orelhas tido, nariz de apagador, chato e comprido, tendo a cavallo um par de vidros baços;

Olhos de amêndoa em tez de rapadura Cabellos brancos, e bigode preto Ora torcido e logo a dependura,

Traça tudo isso... e tens em esboceto: As linhas de uma exotica figura Que é o retrato do autor deste soneto.

HIDASIL.



O Balão Dumont

Quando Gregorio discutia com seu amigo e compadre Ludovico Mondalesco, sobre a origem da Epilepsia, vinha Horacio, como quem mette o nariz onde não é chamado, e tratava de convencellos de que aquella modesta enfermidade, depois de estudada attestava um cataclysmo de catachréses, sugerido por colossal macrobio contemporaneo de Mathusalem e productos dos celebre insectos

agoniados, ainda desconhecidos na pharmacopólia.

Attrahidos pela berraria, vinham chegando, uns após outros, (laes como cörvos... quero dizer, moscas no assucar) os sabichões todos, e então o: *é! não é! é! não é!*, não era, mas era bem parecido com fogo de vista: Dante quebrou um dente de elefante e perdeu o nariz dentro de um olho de Camões que ficou com uma claraboia de menos; Petrarca e Plutarcho fincaram os pés no ventre e fugiram voando com as orelhas cortadas como papel de bala de estálo. Socrates e Catão foram-se catar e socaram-se a valer; Gregorio e Ludovico achataram-se! e, finalmente, sem proveito algum para o mundo scientifico. Platão que era plantigrado atirou-se contra Homero e Virgilio (homens verdes), resultando uma mordedela geral... e comeram-se mutuamente.

Quanto a mim fiquei na mesma.

N. F. LIBATA.

PRIMAVERA

Sê bem vinda, Primavera!
Que ostentando os teus primores
Reappareces, ovante,
Com teu manto roçagante
Feito de luz e de flôres!

Espalhas com graça infinda
As esmeraldas e o oiro,
Opalas, rubins, saphiras
E ás mãos cheias nos atiras
As joias do teu thesoiro.

Tudo sorri, tudo exulta,
Na terra, nos céos sem fim!
Em cada haste uma flor,
Em cada ave um cantor,
E em cada prado um jardim!

Os corações se reanimam
E ha perfumes pelo ar...
Nas ramas dos arvoredos
Murmuram ternos segredos,
As brisas ao perpassar.

Pelo azul do firmamento
Fulgem os astros a flux;
Sens brilhos o sol ostenta,
E a natureza sedenta
Banha-se em ondas de luz!

Tudo te diz — Sê bem vinda!
As aves no seu cantar,
Em seus murmúrios as fontes...
Dizem-t'o os campos e os montes
Nas galas do seu trajar!

Tambem t'o diz a minh'alma
Enlevada em teus primores,
Ao vêr-te chegar, ovante,
Com teu manto roçagante,
Feito de luz e de flôres!

D. IGNACIA DE MELLO.

INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO S. PAULO

Flôr sem Haste

AO EMILIO FERREIRA.

.....
E' certo que me amas?

Então enganava-me todas as vezes que te julguei como o inquieto colibri que beija todas as flôres?

De certo, porque foi a primeira vez que vi cobrir-te o mimoso rosto a nuvem purpurina do pudor!

Conheci então que estavamos bem scientes do nosso amor.

— Por que és tão pallido?

— Não o sabes! Meu Deus, que innocencia! Pois bem, visto que não o sabes, sabel-o-ás mais tarde, mais tarde te contarei tudo...

Sim! Não quero que outros saibam do meu segredo, sê-tú, tu tão sómente, o has de saber!

Olha, enquanto o Sol não se some de todo, escutemos os queixumes d'aquella flôr, cujas petales descoradas já se vão cahindo murchas, sim?

Escutemos:

.....
— Eu fui a mais linda e deslumbrante de todas as rosas do prado!

Minhas irmãs, vaidosas, corriam para os bailes, unidas a collos ideaes, disputando cada uma maior brilho, inebriando de suavissimo aroma os cavalheiros que, mais e mais ainda, se tornavam apaixonados pelas suas dilectas!

E eu na minha tremula e franzina haste, ria-me d'ellas gostosamente!

Pois no dia seguinte, as pobresinhas jaziam murchas, machucadas sobre uma cadeira ou atiradas a um canto!

Ninguem mais se lembrava d'ellas, que suspiravam agora arrependidas, ao passo que eu me riã satisfeita de minha vida!

Mas oh! que fatalidade!

Eis que chega tambem o meu dia!

A Primavera, com suas vestes douradas, já vinha cobrindo as ultimas pé-

gadas do Inverno.

A madrugada, rubra, como que sustentada em architraves de ouro, annunciava-se nos confins do ceu; recendiam na praia os primeiros perfumes da manhã; a passara acordando cantava na malta, e o echo desses sonoros cantos, ia resvalar e morrer nos valles, onde o sereno da noite transformando em gottas d'orvalho, reflectia as primeiras reverberações do dia!

Vagueava voluptuosamente, deslizando de leve por entre nossos calices, ninhos dos Sonhos, levando em seu seio de amor o nosso suavissimo odor, a Briza, languida, encapotada no seu alvo manto de neve...

Eu estava, então, no meu mais elevado deslumbramento, era a mais formosa das rosas do prado!

Sentia nas minhas petalas, côr de carmim, com grande satisfação, a cegega que me faziam as gottinhas de sereno da noite, que já longe ia, quando uma dôr, terrivel me fez cahir sem sentidos, desmaiada ao pé do meu tronco!

Havia minha haste sido cortada por um d'esses bichinhos máus que cortam a haste das flôres!

Agora estou aqui atirada no chão, gemendo e suspirando de dôr, ao passo que minhas irmãs em collos formosos, cheios de amor, gosaram, embora no dia seguinte jazessem esquecidas, atiradas para um canto!

.....
— Que dizes d'esta infeliz rosa, meu amor?

— Que digo? Vou apanhal-a e unil-a ao meu coração!

— Fallaste em coração!

Escuta o meu. Que ouves?

— Que ouço? Ouço uma linguagem que não entendo... mas sinto!

— Quando não mais brilharem os ultimos clarões sobre as serranias; quando não mais o crepusculo saudar a terra

ás ave-marias... meu coração apaixonado, fanatico de amor, contar-te-á tudo que elle sente!

Sim! Elle ha de contar-te tudo, tudo porque sou pallido, mas não aqui, pois as estrellas... O mar... os montes... Invejosos, irão contar o mundo a minha historia que é o poema do nosso amor!

Não, não quero, não nos convém que saibam que nos amamos!

Vés, querida, até as vagas ciumentas, atiram-se ás rochas, beijando-as por nosso amor!

As estrellas beijam a terra com seus raios e os montes parecem beijar o ceu!

Tudo por nosso amor!

Beijemo-nos, porque o beijo é o amor... O amor é a vida!

Os passaros deixaram seus ninhos admirados de tanto amor!

Amemo-nos, sem amor não ha vida!

E um longo suspiro delirante, rolou dos labios purpurinos da minha Diva, indo confundir-se com o gemido das vagas e o soluçar dos ventos!

— Calla-te!

Não falles assim, tenho ciune da Natureza que dorme.

Si ella acordasse, ouvindo teus suspiros, não sei o que seria de mim!

.....
— Tu tremes? Estas com medo? De que?

— Está escurecendo...

— Não tenhas medo, tolinha, aquella sombra que avança sobre nós é a Noite; ella vem carinhosamente, nos proteger, offerecendo-nos o seu manto erivado de estrellas.

Não tenhas medo:

No seu manto, minha bella Diva, está escripta com lagrymas de tristeza e alegria, com sangue e ouro, a historia eterna do amor!

Escondamo-nos nelle, escondamo-nos da humanidade!

— Amem-se, nos dizem as ondas, o

ARQUIVO
1890

azul sem fim do ceu e as flôres!

— Amem-se, nos diz o tempo que vae
veloz pela eternidade!

— Beijem-se, nos diz a mocidade que
passa ligeira!

— Amem-se, beijem-se, nos diz final-
mente o echo de nosso peito!

— Beijemo-nos! Amemo-nos!

Pois o beijo é o amor e o amor é a
vida!

Beijemo-nos!...

.....
Era calma a manhã, tudo era calmo
em redor.

Depois nunca mais me perguntou:
"Porque és tão pallido?", a minha formo-
sa Diva!

São Paulo, Novembro de 1901.

PAPILLON.

A concha e a virgem.

Entre os mil *bibelots* que ornamenta-
vam o seu mimoso tocador de alabas-
tro, sobressahia uma linda concha, que
Cecy estimava loucamente.

Era, na verdade, uma concha rara e
encantadora!

Cecy a apanhára, com sua mãozinha
branca, de neve, quando, pela primeira
vez, fôra passeiar á praia.

Sempre que se dirigia ao seu tocador,
contemplava-a com encanto!

Gostava de ouvir o seu gemido tris-
te e mysterioso, conservando-a por al-
gum tempo encostada ao ouvido...

— Pobre concha! — murmurava
Cecy — choras pelo mar!... é a sauda-
de das vagas!... a lembrança da areia
movediça que te embalava docemente!

E enternecida chorava também...

Suas lágrimas, deslizando como perol-
las, enchiam o roseo seio da concha
linda, que conservava na mãozinha
branca.

E os queixumes da filha do mar iam
amortecendo..... amortecendo.....

.....
E' que a lagrima da virgem mitigára
a dôr profunda da saudade!

A. JUSTINO FRANÇA.

LEI ORGANICA

D. 1 A PRIMAVERA é uma aggrema-
ção puramente familiar que tem por
intuito proporcionar aos seus socios e
convidados divertimentos e praticas so-

ciaes no limite de suas forças, acatados
no conceituado meio social a que per-
tence.

D. 2 A PRIMAVERA será administra-
da por tres directores eleitos semestral-
mente entre os associados.

D. 3 Cumpre á Directoria a) proceder
com rigor e sensatez em todos seus actos
e resolver dignamente quaesquer as-
sumptos relativos á Aggremação que
representa; b) usar de rigoroso escrupulo
na admissão de socios e convidados no-
meando syndicantes occultos até que se
certifique da sufficiencia ou incompatibi-
lidade dos propostos de accordo com o
gráu de civilidade e moralidade dos
mesmos; c) eliminar o socio ou con-
vidado incurso nas leis sociaes ou reco-
nhecido como inconveniente aos costu-
mes da PRIMAVERA; d) obedecer a von-
tade dos associados em maioria; e) con-
vocar as assembléas necessarias annun-
ciando-as aos socios; f) apresentar o
relatorio de sua administração; g) zelar
em todos os casos pela boa reputação e
progresso da PRIMAVERA pela qual é
responsavel; h) executar e fazer cum-
prir as leis sociaes.

D. 4 Fica reservada á Directoria a
faculdade de nomêar os auxiliares de
que necessitar.

D. 5 A admissão de socios e con-
vidados será precedida de circunstanciada
proposta feita pelo socio proponente á
Directoria.

D. 6 Os socios e convidados só terão
direito a gozar dos divertimentos e pra-
ticas sociaes quando tenham preenchido
por completo as disposições das leis e
determinações da Directoria, não poden-
do jamais convidar ou conduzir pessoa
alguma a quem a Directoria não tenha
concedido egual direito de ingresso.

D. 7 Cada associado contribuirá com
a importancia de trinta mil réis a pro-
posito de sua admissão e, mensalmente,
com a quôta de dez mil réis adiantada-
mente dentro do prazo fixado pela
Directoria.

D. 8 As assembléas são soberanas
e pôdem ser constituídas com qualquer
numero de socios. Em todas as assem-
bléas que pelo motivo originario sejam
consideradas solemnes não será permit-
tido disculir-se assumpto privado de
interesse social.

D. 9 Para o caso de liquidação da
Aggremação constituir-se-á uma assem-
bléa que só será realizada com a maioria
de associados.

VIDA SOCIAL

10 DE MAIO A 10 DE NOVEMBRO

No mez de Setembro a nossa Aggremação
soffreu doloroso lucto com o passamento do
distincto cavalheiro Sr. Leopoldo de Carvalho,
poe dos nossos amigos e consocios Alvaro e
Claudio de Carvalho, tendo se feito represen-
tar por directores e associados na cerimonia
funebre celebrada no 7.º dia do angustioso
acontecimento.

A Directoria fez lavrar em acta especial
um voto de pesar, e no mesmo sentido dirigiu
um officio aos enluctados consocios.

Em assembléa geral de 12 de Agosto foram
reeleitos e reempossados de seus cargos os
actuaes directores Emilio A. Ferreira, Alvaro
C. Carvalho e J. B. de Camargo Barros.

A Directoria agradece ao seu dedicado au-
xiliar Mario Terral, ora director ad-hoc, o
muito que tem cooperado para a administra-
ção do nosso gremio, e seu valioso concurso
para a organização do festival de hoje.

Reiteramos nossos agradecimentos aos or-
gãos da Imprensa que graciosamente nos têm
honrado com a remessa de suas folhas, pro-
porcionando o goso de tão proveitosa leitura;
e egualmente somos reconhecidos ás suas ama-
veis referencias sobre os nossos festivaes.

A "Primavera" se confessa reconhecida á
gentileza dos convites com que tem sido obse-
quiada para as seguintes festividades:

Maio — Sarau dançante em homenagem ao
anniversario natalicio do nosso amigo Alfredo
Durval e Silva, offerecido por seus affeições.

Agosto — Concerto e baile do "União Club",
nova sociedade que prospera sob a presidencia
do nosso consocio Ramiro de Araujo.

Outubro — 14.ª partida dançante da socie-
dade "Chrysalida".

Baile commemorativo do 24.º anniversario
do "Club Gymnastico Portuguez", o decano
dos clubs em S. Paulo.

Novembro — Conferencias Civicas Popula-
res, celebradas sob a direcção da Revista
"Educação".

Como testemunho de profunda gratidão á
honrosa manifestação que recebeu de suas
gentilissimas Consocias por occasião do baile
de 3.º anniversario desta sociedade, a Direc-
toria consagrou-lhes uma festa dançante na
sede social, inaugurou dois quadros allusivos
para lembrança perpetua e lavrou acta espe-
cial.

As festas intimas têm sido regularmente
realizadas na sede social, e ficam temporaria-
mente supprimidas, em consequencia de estar
a sede funcionando provisoriamente na rua
Benjamin Constant n.º 15, até que sejam con-
cluidos os trabalhos, já iniciados pela Direc-
toria, para maior desenvolvimento desta Ag-
gremação.

